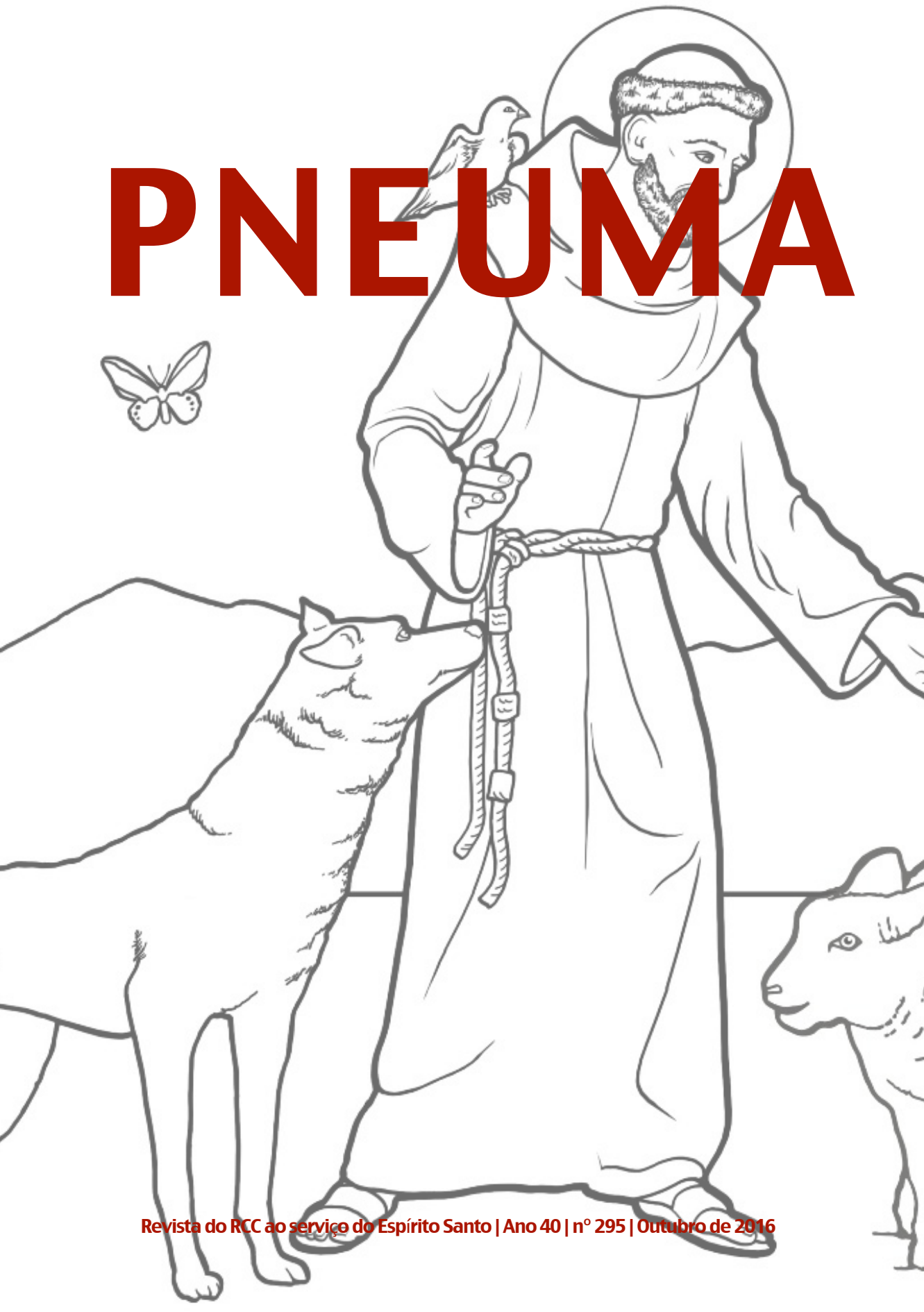
PNEUMA



Revista do RCC ao serviço do Espírito Santo | Ano 40 | nº 295 | Outubro de 2016

PNEUMA

Publicação Mensal
Ano XC - II Série - Nº 295
Outubro de 2016

Fundador
Pe. José da Lapa C.S.Sp.

Conselheiro Espiritual
Pe. Tony Neves C.S.Sp.

Director
Mário Pinto

Administrador
José Santos

Editor e Propriedade
PNEUMA R. C.

Design e Paginação
Paulo de Campos Pinto

Sede: Travª Cruz da Era, 2A
1500-214 Lisboa
Tel. 21 716 14 15 | Fax. 21 716 05 51
www.pneuma-rc.pt
contacto@pneuma-rc.pt

Colaboradores neste número:
Mário Pinto
Padre Victor Magalhães
Padre Jerónimo Rocha Monteiro
Joaquim Mexia Alves

Assinatura Anual:
Portugal - 10 €
Estrangeiro - 20 € ou 25 USD
Avulso:
Portugal - 1,75 €
Estrangeiro - 2 € ou 2.50 USD

Produção Gráfica
Jorge Fernandes, Lda.
R. Quinta Conde de Mascarenhas, 9
Vale Fetal
2828 - 259 CH Caparica

Registo DGCS Nº 107877
Depósito Legal 86948/95

Associada da AIC com o Nº 245

Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

Pneuma é uma palavra grega que significa **ar**, que pode ser forte, como vento ciclónico que tudo arrasta, ou suave, como brisa que acaricia e refresca.
A palavra Pneuma (em hebraico "Ruah") aparece na Bíblia para significar a ideia acima referida, mas também para significar o **Espírito de Deus**.
No Novo Testamento, surge habitualmente para significar: **Sopro Vital**, **Espírito de Deus, Pentecostes, Espírito Santo**.

Sumário

Limiar
"Permanecei em Mim" 3

Medita(cita)ção 8
Oração 9

O que diz o Papa
Os santos lutam na oração 11
É preciso orar e adorar 13
A família é a chave de ouro 14

RCC em Destaque
Renovamento Carismático em Terras de Bragança 15

Catequese e Renovamento
Sobre o perdão 19
Sobre os milagres 22

Testemunho da Fé
Rendo-me, Senhor! 24
Testemunho de fé em Maria 25
Testamento de Bento XVI 28

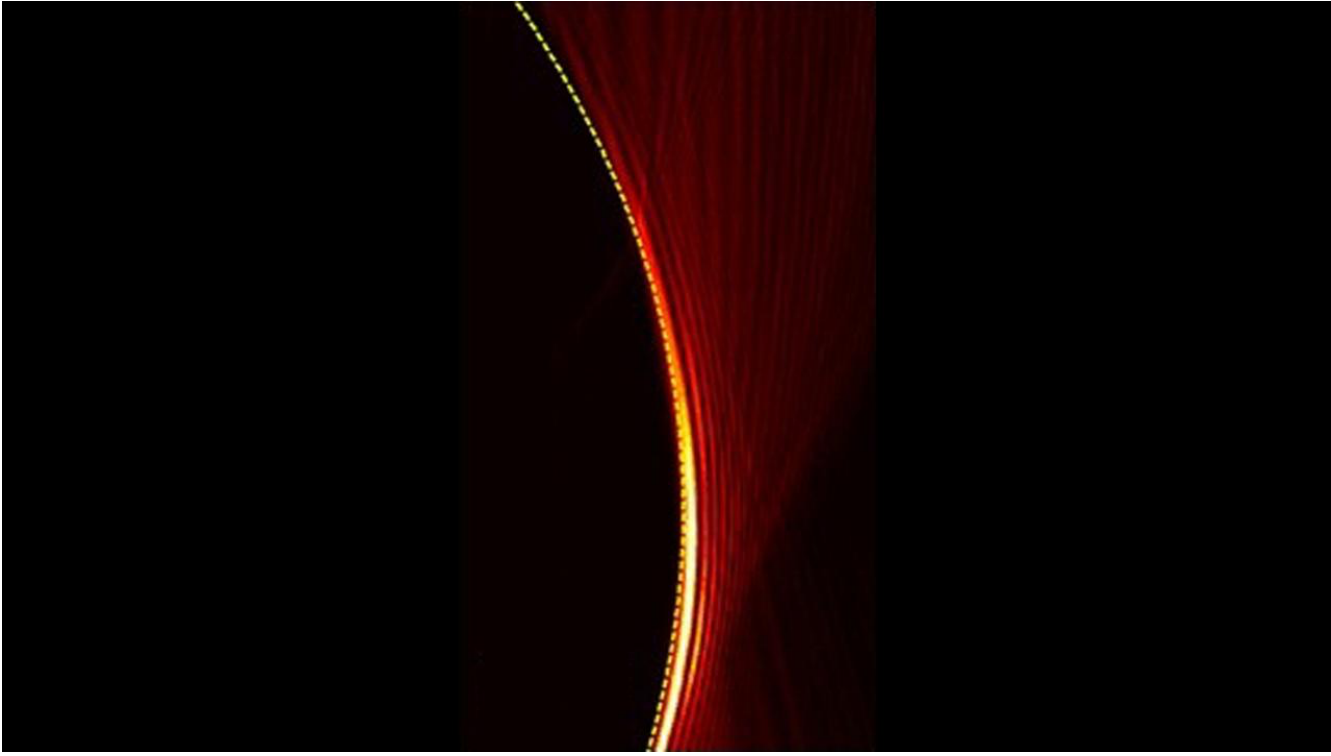
Centenário das Aparições de Fátima
Primeira catequese 30

Notícias da Igreja
Dez Pensamentos de Madre Teresa de Calcutá 32

Vida para além da morte 34

Beato Daniel Brottier
Oração 35

Capa: São francisco de Assis



Mário Pinto

Permanecei em Mim;
Eu permanecerei em vós

A Ti, ó Deus, elevo a minha alma!
Senhor, meu Deus, em Vós confio!
Que a minha esperança em Vós
não seja desiludida.
Todos os que esperam em Ti
não fiquem envergonhados.

Salmo 25 (24)

1. É indispensável, mas não basta, encontrar a Deus pela fé; é preciso, depois de O encontrar pela fé, permanecer unido a Ele, pela esperança e pela caridade.

Aos seus discípulos, que já O tinham encontrado e pela fé acreditavam n'Ele, o que Jesus lhes disse foi: «Permanecei em Mim, e Eu permanecerei em vós». E disse mais: «sem Mim, nada podereis fazer». E ainda: «Ninguém vai ao Pai senão por Mim». Tudo isto significando bem claramente a importância essencial da nossa união [1] a Ele, [2] n'Ele e [3] com Ele.

2. Ligando bem e profundamente estes ensinamentos, ficamos a saber em que se fundamenta a vida teologal do cristão. Que uma longa história de sabedoria e de pastoral cristãs nos resumem, numa caminhada de etapas cada vez mais nos aproximando da intimidade divina: pela [1] ascese (ou purificação); pela [2] iluminação; e finalmente na [3] união mística.

3. Isto é uma tradição de espiritualidade ascética e mística que se manteve viva ao longo dos séculos, atravessando a patrística, o monaquismo oriental e

ocidental, a escolástica (com S. Tomás de Aquino e S. Boaventura), o franciscanismo e o dominica-nismo, a mística renana, os renovamentos carmelitas e a espiritualidade inaciana; e se manteve como tradição até aos nossos dias — ensinava-se nos nossos seminários portugueses até aos anos sessenta, como se pode comprovar pelos manuais então utilizados, designadamente o de Ad. Tanquery, traduzido para português para o efeito ("Compêndio de Teologia Ascética e Mística", Apostolado da Oração, Porto, 1948, 4ª edição), no estudo da disciplina de Teologia ascética e mística — que parece estar hoje em vias de extinção, entre nós.

[Um manual de referência, onde hoje podemos aprender tudo isto, e muito mais, é o de Antonio Royo Marin, O.P., Teología de la perfección cristiana, BAC, Madrid, 2001, 9ª ed.].

4. E como se permanece em Deus? Aquele que encontrou Deus, pela fé, permanece n'Ele vivendo e agindo sempre na Sua presença e inspiração: em pensamentos, em palavras e em acções.

Mas como conceber a presença de Deus? Como presença de Deus que está no céu? «Pai Nosso que estais no céu»? Sim, mas também como presença de Deus que veio aos nossos corações, pelo baptismo do Espírito Santo, que nos foi conferido por Cristo: «recebei o Espírito Santo» (Jo 20.22). E pergunta-nos S. Paulo: «Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?» (1Cor, 3,16).

Não ser consciente disto e não viver a presença e acção divina nos nossos corações (presença trinitária pelo Espírito Santo) é uma falha grave na nossa fé baptismal e um erro grosseiro na nossa vida de espiritualidade cristã. Ainda que não seja um pecado consciente, é como que um incumprimento ao essencial convite de Cristo: «vinde a Mim!»; «Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará, e nós viremos e faremos nele a nossa morada» (Jo 14, 23).

5. O Renovamento Carismático Católico assenta nesta fé e nesta «experiência» baptismal. Apoia-se decisivamente nos Evangelhos de Cristo, segundo os quatro evangelistas; mas também nos Actos dos Apóstolos, que são o prolongamento apostólico, eclesial, catequético e testemunhal dos Evangelhos. Por isso alguém já o nomeou como o quinto Evangelho. O Renovamento é uma revivescência pentecostal, no nosso tempo, partilhando do «novo Pentecostes» pedido pelo Papa João XXIII quando convocou o Concílio Vaticano II e efectivamente recebido por toda a Igreja. Novo Pentecostes que é a experiência actual do Pentecostes permanente sobre a Igreja.

6. Todos os grandes santos e místicos nos testemunham e ensinam a viver «a» presença de Deus «na» presença de Deus; na expressão tipicamente carmelita, a «intimidade divina». Um modo bem simples mas efectivo, por exemplo, temo-lo aqui oferecido na revista Pneuma, nos relatos do Irmão Lourenço da Ressurreição, irmão leigo carmelita descalço. Mas há muitos mais. A tradição da "oração contínua", que S. Paulo nos recomenda e encontramos de forma muito típica no livro dos "Relatos do peregrino russo", é outra expressão da vida no Espírito (para nós hoje especialmente difícil). A prática das "jaculatórias" frequentes, que se ensinava na catequese e hoje anda esquecida, é igualmente um modo de ir com frequência à presença de Deus. A oração litúrgica das horas é outra maneira, esta especialmente recomendada pela Igreja, dada a beleza, a autenticidade e a força da sua inspiração bíblica. O terço diário, com certeza. A oração da manhã e o exame de consciência e oração da noite, ao menos. E a vida sacramental, claríssimo: frequência dos sacramentos da Eucaristia e da Penitência.

7. Ainda uma outra prática, muito antiga e muito fecunda, é a da chamada «Lectio divina», que é uma oração que parte de uma

leitura espiritual inicial, e depois se desenvolve por curtos mas fecundos tempos de diferentes exercícios espirituais, especial-mente de meditação, de contemplação e finalmente de propósito e de prece.
Livros sobre a oração e sobre as várias formas e graus de oração há muitos. É preciso lê-los e colher deles as práticas que melhor nos servirem. Não é justo que hoje os católicos vejam tanta televisão, ouçam tanta rádio, leiam tantos livros e revistas, descuidando a leitura da Bíblia e dos livros de formação religiosa.

8. Especialmente importante é a vida sacramental. Como se entra e se permanece sacramentalmente em Deus, na Igreja de Cristo? Pelo Baptismo e os outros dois sacramentos da Iniciação, a Confirmação e a Eucaristia. Mas é menos do que seria necessário o conhecimento da teologia sacramental, das graças sacramentais, das disposições para a recepção dos sacramentos. Basta ir ver os textos preparados para, por exemplo, o recebimento do crisma, para concluir da superficialidade da respectiva preparação. Os católicos deviam fazer o mesmo que se faz hoje nas sociedades modernas, para quase tudo: fazer regularmente uma revisão e actualização da sua prática e do seu conhecimento catequético e espiritual. Os retiros e os cursos de formação servem para isso. Mas é ainda pouco o que se faz.

9. Especialmente acerca do baptismo no Espírito, a sua importância é fundamental. Está-nos revelado, nos Evangelhos, que a Pessoa Divina do Filho de Deus incarnou em Maria de Nazaré, nascendo na Pessoa única de Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Jesus é o Messias prometido ao Povo eleito, e veio para a salvação dos homens. E como O anunciou João Baptista, aquele que foi o último e o maior profeta da vinda do Salvador? Anunciou-O, em suma, como Aquele que tira o pecado do mundo, como Cordeiro de Deus; e, uma vez ressuscitado e glorificado, opera o nosso resgate baptizando-nos no Espírito Santo.

10. No Evangelho de S. João, o testemunho de João Baptista sobre Jesus é impressionante de afirmação categórica. Leiam-se estas palavras devagar: «E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós; e contemplámos a sua glória - glória enquanto [filho] unigénito do Pai, pleno de graça e de verdade. João dá testemunho acerca dele e clamou, dizendo: […] "Vi o Espírito descendo, como uma pomba vinda do céu, e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou a baptizar em água é que me disse: Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é O que baptiza no Espírito Santo. Eu vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus» (Jo 1, 14-15; 32-34).
Este anúncio do baptismo no Espírito veio a ser posteriormente confirmado, pelo próprio Jesus, em especial no seu longo discurso de despedida, após a última ceia. Por cinco vezes, nesse discurso, Jesus diz aos seus discípulos que, depois de separar deles, pediria ao Pai para lhes enviar o Espírito Santo, que ficaria com eles até ao fim do mundo. Depois da Ressurreição, no mesmo Evangelho de João, Jesus diz aos discípulos soprando sobre eles: «Recebei o Espírito Santo».
Logo na abertura dos Actos dos Apóstolos, S. Lucas narra o seguinte: «Então, no decurso de uma refeição com eles, [Jesus] ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que aguardassem a promessa do Pai, a qual - disse Ele - ouvistes da minha boca: pois João baptizou com água, mas vós sereis baptizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias». […] E recebereis uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós…».

11. Esta profecia cumpriu-se no dia de Pentecostes, e sabemos de que maneira experiencial e carismática isso ocorreu, pela leitura do capítulo 2 dos Actos. Ora,

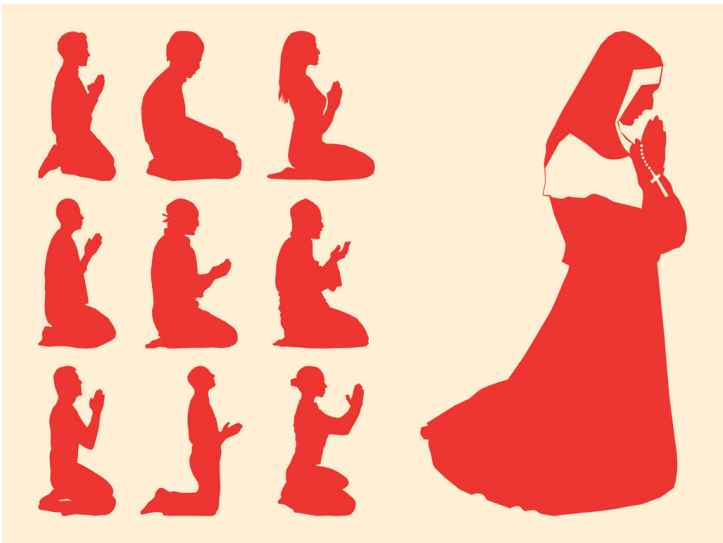
como é possível que hoje esta graça e esta fortíssima experiência baptismal ande tão esquecida? E até desacreditada, a avaliar pelas reticências, senão mesmo negações da experiência do baptismo no Espírito?
Preferimos nós hoje anunciar a Cristo por outras palavras nossas? Melhores do que as palavras de João Baptista? E as próprias palavras de Cristo? Essas palavras passaram? Hoje a salvação de Cristo opera em termos diferentes? E nós queremos venerar a adorar a Jesus em tantas e tantas revelações, ensinamentos, testemunhos e milagres, menos naquele que foi a finalidade da sua missão, isto é, o baptismo no Espírito Santo?

12. Não, claro que o RCC não é um «movimento eclesial» que se considere monopolista do baptismo no Espírito. Mas recebeu a graça de ser, também ele, um testemunho forte da graça do baptismo no Espírito Santo. Foi o que disse o Papa Francisco, quando, em 2014, dirigindo-se aos cinquenta mil membros do Renovamento, no Estádio Olímpico de Roma, por estas palavras: «Eu espero de vós que partilheis com todos, na Igreja, a graça do baptismo no Espírito Santo».
Portanto, não é possivel nem secundarizar a graça do baptismo no Espírito, que nos foi ganho por Cristo na misericórdia do Pai, nem por consequência secundarizar toda a teologia das graças baptismais. Isto é, das virtudes infusas, dos dons e carismas do Espírito Santo. Ao longo de séculos e séculos, os teólogos esforçaram-se por conhecer essas graças. S. Tomás de Aquino, S. Boaventura, dois expoentes do Renovamento carismático das ordens mendicantes nascidas nos começos do séc XIII, escreveram muito e elevadamente sobre estas questões centrais da nossa fé. Com a reforma, voltou esta questão a ser crucial. E nunca mais deixou de o ser.

13, Hoje, deve-se especialmente a vários novos movimentos laicais como que um renovamento da espiritualidade cristã nesta revalorização carismática.

De algum modo na continuidade das palavras do Papa, já citadas, veio também agora o documento da Congregação para a Doutrina da Fé (publicado nos dois últimos números da revista Pneuma), intitulado «Iuvenescit Ecclesia, Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da igreja». Não é isto um estímulo para o estudo dos dons do Espírito Santo?

Neste nosso terceiro milénio, e olhando o que vai pelo mundo, a catequese e a pastoral não podem, entre nós, continuar a descuidar a espiritualidade carismática.



Conferência Nacional do Renovamento Carismático Católico de Portugal

Pentecostes 2017

02 a 04 de Junho

3 Dias – Roma

Avião Transportes Hotel de categoria turística superior Regímen de meia pensão *(02 pequenos-almoços e 02 jantares)*

02 a 05 de Junho

4 Dias – Roma

Avião Transportes Hotel de categoria turística superior Regímen de meia pensão *(03 pequenos-almoços e 03 jantares)*

31 Maio a 05 de Junho

6 Dias – Roma e Assis

Avião Transportes Hotel de categoria turística superior Regímen de meia pensão *(05 pequenos-almoços e 05 jantares)* Excursão de dia inteiro (10 horas) com guia e almoço incluídos

29 de Maio a 08 de Junho

11 Dias

Autocarro + Barco

Avião Transportes Hotel de categoria turística superior 10 pequenos-almoços, 09 Almoços e 10 jantares Travessia de Barco Barcelona, Civitavecchia (Roma) , Barcelona

INSCRIÇÕES:

Conferência Nacional do Renovamento Carismático

Email : agnrccportugal@hotmail.com

António Aparício - Tlm. 967 574 997

Ou **Constança Rebelo de Andrade** - Tlm. 929 426 006

E-mail : constanca.andrade@paxtur.pt

Responsabilidade técnica : **Paxtur –** RNAVT 1825

Rezar com a Pneuma

Medita(cita)ção

«No decorrer de toda a Mensagem [de Fátima],
a começar pelas aparições do Anjo,
encontramos um apelo à conversão
e ao sacrifício oferecido a Deus por amor
e pela conversão dos pecadores.
Para mim, este apelo é como a norma básica
de toda a Mensagem
que começa por introduzir-nos
num plano de fé, de esperança e amor:
"Meu Deus, eu creio,
adoro,
espero
e amo-Vos".
É aqui que assente a base fundamental
de toda a nossa vida sobrenatural;
viver de fé,
viver de esperança,
viver de amor.»

Serva de Deus Irmã Lúcia de Jesus | 1907 - 2005
[Como vejo a Mensagem. p. 48]

Meu Deus, eu creio,
mas aumenta a minha fé.
Meu Deus, eu espero,
mas aumenta a minha esperança.
Meu Deus, eu amo-Te,
mas aumenta o meu amor.
Meu Deus,
quero viver de fé,
de esperança
e de amor,
as três virtudes teologais
que me unem a Ti.
Fazei de mim um instrumento do vosso amor.
Que todos os meus desejos estejam postos em Ti
pela esperança
e que creia cada vez mais na Tua presença viva em mim,
pela fé.
Assim seja

Oração

Oração de S. Francisco

Salve ó Senhora Santa, Rainha Santíssima,
Mãe de Deus, ó Maria, que sois Virgem feita igreja,
eleita pelo Santíssimo Pai celestial,
que vos consagrou por seu Santíssimo e dileto Filho e o Espírito Santo Paráclito.
Em vós residiu e reside toda plenitude da graça e todo o bem.
Salve, ó palácio do Senhor!
Salve, ó tabernáculo do Senhor!
Salve, ó morada do Senhor!
Salve, ó manto do Senhor!
Salve, ó serva do Senhor!
Salve, ó mãe do Senhor!
E salve vós todas, ó derramadas virtudes santas,
pela graça e iluminação do Espírito Santo,
nos corações dos Fiéis, transformando-os de infiéis,
fiéis servos de Deus!
Amen

Michelle Moran

Presidente do ICCRS, será a animadora da próxima Assembleia Nacional do RCC, promovida por Pneumavita, em 12-13 de Novembro próximo, no Centro Paulo VI, em Fátima.

Assembleia Nacional do RCC, 2016, em Fátima Centro Paulo VI (12-13 Novembro)

Michelle Moran
Presidente do ICCRS

Michelle é, juntamente com o seu marido Peter, membro fundador da Comunidade Católica Sião para Evangelização.

Ela começou como professora, e leccionou por 5 anos numa escola, antes de se dedicar em tempo integral ao ministério na Comunidade Sion. Em 1998, Michelle concluiu o mestrado em Teologia Pastoral, na Cambridge Theological Federation. A sua tese foi intitulada "Liderança e Ministério em Paróquias Católicas".

Michelle tem muita experiência no ministério paroquial. Ela liderou a Equipe de Missão da Paróquia Sião, de 1985 até 1988, quando assumiu o cargo de Diretora de Formação da Comunidade, tornando-se pioneira no ensino e formação de evangelização. Nos últimos 25 anos, Michelle tem trabalhado em tempo integral na Igreja, a nível nacional e internacional, adquirindo muita experiência; a sua área de especialização é evangelização, comunicação e organização. Michelle está envolvida no Renovamento Carismático Católico desde a sua juventude. A sua experiência de "conversão" e baptismo no Espírito Santo aconteceu quando ela era ainda adolescente. Ela tem servido o RCC em todo o mundo, como pregadora e professora.

O primeiro livro de Michelle, "Pass It On" (Conselhos práticos sobre como compartilhar a sua fé) foi publicado em 1990. O seu segundo livro, "Crossing the Line" (Evangelização num contexto católico) saiu em 1995. Desde então, Michelle tem escrito numerosos artigos para revistas e jornais católicos e ecuménicos.

Michelle é actualmente presidente do Comité Nacional de Serviço para o Renovamento Carismático Católico, na Inglaterra e no País de Gales, e Presidente do ICCRS, Conselho Internacional para o Renovamento, em Roma. Em 2007, foi nomeada pelo Papa Bento XVI como membro do Conselho Pontifício para os Leigos. Um dos seus desejos é ver a próxima geração de líderes jovens no RCC capacitada e treinada para o ministério e a liderança.

CREATED BY VECTORPORTAL.COM

O que diz o Papa

Os santos lutam na oração

Deixando rezar e lutar, neles, o Espírito Santo

Homilia - 16 de outubro de 2016

Ao princípio da celebração de hoje, dirigimos esta oração ao Senhor: «Criai em nós um coração generoso e fiel, para podermos servir-Vos, sem cessar, com lealdade e pureza de espírito» (Oração Coleta).

Sozinhos, não somos capazes de formar em nós um coração assim; só Deus pode fazê-lo e, por isso, Lho pedimos na oração, Lho suplicamos como um dom, como uma «criação» d'Ele. Desta forma, fomos introduzidos no tema da oração, que aparece no centro das leituras bíblicas deste domingo e nos interpela também a nós aqui reunidos para a canonização de alguns Santos e Santas novos. Estes alcançaram a meta, tiveram um coração generoso e fiel, graças à oração: rezaram com todas as forças, lutaram e venceram.

Rezaram… como Moisés, que foi sobretudo homem de Deus, homem de oração. Hoje, no episódio da batalha contra Amalec, vemo-lo de pé no cimo da colina com os braços erguidos; mas de vez em quando, com o peso, caíam-lhe os braços e, nesses momentos, o povo perdia; então Aarão e Hur fizeram Moisés sentar-se numa pedra e sustentavam os seus braços erguidos, até à vitória final.

Este é o estilo de vida espiritual que a Igreja nos pede: não para vencer a guerra, mas para vencer a paz!

No episódio de Moisés, há uma lição importante: o compromisso da oração exige que nos apoiemos uns aos outros. O cansaço é inevitável; por vezes, já não a conseguimos fazer, mas, com o apoio dos irmãos, a nossa oração pode continuar, até que o Senhor leve a bom termo a sua obra.

Escrevendo a Timóteo, seu discípulo e colaborador, São Paulo recomenda-lhe que permaneça firme naquilo que aprendeu e crê firmemente (cf. 2 Tm 3, 14). Contudo, também Timóteo não o conseguiria sozinho: não se vence a «batalha» da perseverança sem a oração. Não uma oração esporádica, intermitente, mas feita como Jesus ensina no Evangelho de hoje: «orar sempre, sem desfalecer» (Lc 18, 1). Esta é a maneira cristã de agir: ser firme na oração para se manter firme na fé e no testemunho. Entretanto, dentro de nós, surge uma voz: «Mas, Senhor, como é possível não nos cansarmos? Somos seres humanos; o próprio Moisés se cansou!» É verdade, cada um de nós cansa-se. Mas não estamos sozinhos, fazemos parte dum Corpo. Somos membros do Corpo de Cristo, a Igreja, cujos braços estão dia e noite erguidos para o céu, graças à presença de Cristo ressuscitado e do seu Espírito Santo. E só na Igreja e graças à oração da Igreja é que podemos permanecer firmes na fé e no testemunho.

Ouvimos a promessa de Jesus no Evangelho: Deus fará justiça aos seus eleitos, que a Ele clamam dia e noite (cf. Lc 18, 7). Eis o mistério da oração: grita, não te canses e, se te cansares, pede ajuda para manteres as mãos erguidas. Esta é a oração que Jesus nos revelou e deu no Espírito Santo. Rezar não é refugiar-se num mundo ideal, não é evadir-se numa falsa tranquilidade egoísta. Pelo contrário, rezar é lutar e deixar que o próprio Espírito Santo reze em nós. É o Espírito Santo que nos ensina a rezar, guia na oração e faz rezar como filhos.

Os Santos são homens e mulheres que se entranham profundamente no mistério da oração. Homens e mulheres que lutam mediante a oração, deixando, neles, rezar e lutar o Espírito Santo; lutam até ao fim, com todas as suas forças; e vencem, mas não sozinhos: o Senhor vence neles e com eles. Também estas sete testemunhas, que hoje foram canonizadas, travaram o bom combate da fé e do amor através da oração. Por isso permaneceram firmes na fé, com o coração generoso e fiel. Que Deus nos conceda também a nós, pelo exemplo e intercessão delas, ser homens e mulheres de oração; gritar a Deus dia e noite, sem nos cansarmos; deixar que o Espírito Santo reze em nós, e orar apoiando-nos mutuamente para permanecermos com os braços erguidos, até que vença a Misericórdia Divina.

Para conhecer Jesus

É preciso orar e adorar

Para conhecer realmente Jesus precisamos de oração, de adoração e de nos reconhecermos pecadores. Foi o que disse o Papa Francisco na Missa matutina (20/10) na Casa Santa Marta. O Pontífice destacou que o catecismo não é suficiente para compreender a profundidade do mistério de Cristo.

Francisco desenvolveu a sua homilia partindo da Carta de São Paulo aos Efésios. O Apóstolo dos gentios, observou ele, pede que o Espírito Santo dê aos Efésios a graça de "serem fortes, robustos"; que faça de modo que Cristo habite em seus corações. Aí está o centro".

Não se conhece Jesus somente com o catecismo, é preciso rezar.

O Papa observou que Paulo "se imerge" no "mar imenso que é a pessoa de Cristo". Mas como podemos conhecer Cristo?", questionou Francisco. Como podemos compreender "o amor de Cristo que supera todo conhecimento"?

Cristo está presente no Evangelho, lendo o Evangelho conhecemos a Cristo. E todos fazemos isso, pelo menos ouvimos o Evangelho quando vamos à Missa. Com o estudo do catecismo: o catecismo nos ensina quem é Cristo. Mas isso não é suficiente. Para ser capaz de compreender qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade de Jesus Cristo é preciso entrar primeiro num contexto de oração, como faz Paulo, de joelhos: 'Pai, envia-me o Espírito para conhecer Jesus Cristo".

Encontrar o Senhor no silêncio da adoração

Para conhecer realmente Cristo, "é necessária a oração". "Paulo não somente reza; adora este mistério que supera todo o conhecimento e num contexto de adoração pede esta graça" ao Senhor.

"Não se conhece o Senhor sem este hábito de adorar, de adorar em silêncio. Se não estou enganado, creio que esta oração de adoração seja a menos conhecida entre nós, é a que menos rezamos. Perder tempo, permito-me dizer, diante do Senhor, diante do mistério de Jesus Cristo. Adorar. Ali, em silêncio, o silêncio da adoração. Ele é o Senhor e eu o adoro".

Reconhecer-se pecadores para entrar no mistério de Jesus

O Papa disse ainda que "para conhecer Cristo é necessário ter consciência de nós mesmos, ou seja, ter o hábito de nos acusarmos", de reconhecer-nos pecadores.

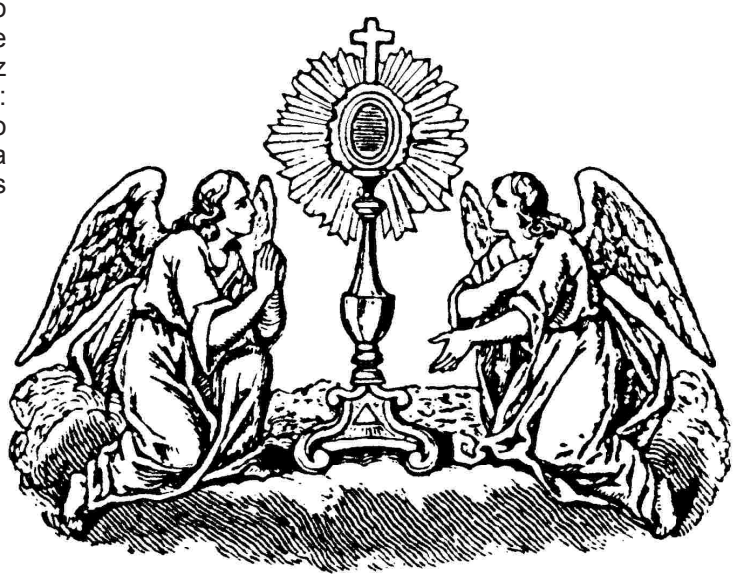
"Não se pode adorar sem nos acusarmos a nós mesmos. Para entrar neste mar sem fundo, sem margens, que é o mistério de Jesus Cristo, estas coisas são necessárias:

Primeira, a oração: Pai, envia-me o Espírito, para que Ele me leve a conhecer Jesus.

Segunda, a adoração ao mistério, entrar no mistério, adorando.

E **terceira**, acusar-se a si mesmo: Sou um homem dos lábios impuros.

Que o Senhor dê esta graça que Paulo pediu para os Efésios também a nós, esta graça de conhecermos e merecermos Cristo."



A família é a chave de ouro

Para compreender o mundo, a história e o amor de Deus"

O Papa Francisco recebeu, esta quinta-feira, os membros do Instituto João Paulo II. Afirmou que só se compreende a dignidade do homem e da mulher reconhecendo as diferenças entre eles.
A família é a "chave de ouro" que permite ler o mundo, a sua história e até o mais íntimo do amor de Deus, considera o Papa Francisco, defendendo que, por isso, a Igreja tem a obrigação de ajudar os homens e as mulheres a preservar esta "extraordinária invenção" de Deus.

Num discurso feito, esta quinta-feira, numa audiência à comunidade académica do Instituto João Paulo II para o Estudo do Matrimónio e da Família, Francisco fez um diagnóstico da situação das famílias no mundo actual.
"Nesta conjuntura, os laços conjugais e familiares são postos à prova de muitos modos", diz Francisco, elencando "a afirmação de uma cultura narcisista, uma concepção da liberdade desligada da responsabilidade pelo outro" e "o crescimento da indiferença para com o bem comum e a imposição de ideologias que agridem directamente o projecto familiar", entre outros.
"A incerteza e a desorientação que tocam os afectos fundamentais da pessoa e da vida desestabilizam todos os laços, tanto familiares como sociais, fazendo prevalecer sempre o 'eu' acima do 'nós', o indivíduo acima da sociedade".
Entre os perigos sublinhados pelo Papa encontra-se, mais uma vez, a chamada "ideologia do género", segundo a qual as diferenças entre homem e mulher são culturalmente impostas e sujeitas à vontade de cada um, pelo que quando um homem decide que afinal é uma mulher, ou vice-versa, isso é que é determinante e não os factos biológicos.
Para o Papa, porém, "o reconhecimento da dignidade do homem e da mulher implica uma justa valorização da relação recíproca entre eles. Como podemos conhecer a fundo a humanidade concreta de quem somos sem aprender com estas diferenças?", pergunta o Papa. "É impossível negar o contributo da cultura moderna para o redescobrir da dignidade das diferenças sexuais. Por isso, é também muito desconcertante constatar que agora esta cultura parece estar bloqueada por uma tendência para anular as diferenças em vez de resolver os problemas."
Por todas estas razões, disse ainda Francisco, é necessário "maior entusiasmo no resgate – diria quase a reabilitação – desta extraordinária 'invenção' da criação divina. Este resgate deve ser levado a sério, tanto no sentido doutrinal como no sentido prático, pastoral e testemunhal. As dinâmicas das relações entre Deus, o homem e a mulher, e os seus filhos, são a chave de ouro para compreender o mundo e a história, com tudo o que contêm. E, por fim, para compreender algo de profundo que se encontra no próprio amor de Deus".
"Somos capazes de pensar assim 'em grande' sobre esta revelação?", interrogou o Santo Padre, antes de lançar um apelo: "Saibamos arrancar as novas gerações à resignação e reconquistá-la para a audácia deste projecto".
O Instituto João Paulo II foi fundado pelo Papa polaco em 1988 no âmbito da sua própria reflexão sobre o casamento e a família, que resultou na sua "teologia do corpo". Recentemente o Papa Francisco substituiu a direcção do instituto, colocando à sua frente o arcebispo Vincenzo Paglia.
A audiência desta quinta-feira resultou de outra alteração feita pelo Papa. Inicialmente o discurso ia ser feito pelo cardeal Robert Sarah, na sede do próprio instituto, mas Francisco sugeriu que em vez disso o corpo docente devia ir ao Vaticano, para que ele mesmo pudesse falar-lhe.

Fonte: Aura Miguel, Filipe d'Avillez 27-10-2016

Padre Victor Magalhães
(Diocese de Bragança-Miranda)

RCC em destaque

O perfume do Espírito na Semana Missionária «Pneumavita»

Creio no Espírito Santo,
Senhor que dá a Vida,
e procede do Pai e do Filho;
e com o Pai e o Filho
é adorado e glorificado;
Ele que falou pelos Profetas

No encontro de evangelização e missionação que decorreu em Baçal, na Diocese de Bragança-Miranda, conduzido pelo casal Ema e António Macedo, no canto e na viola; por Isolina e Manita Sá da Bandeira, com os seus testemunhos de vida e da acção do fogo do Espírito Santo e, bem como, do Padre Dimitri, de linguagem preludiada pelo Renovamento Carismático e, acolhidos na Unidade Pastoral S. Bento, motiva-me a deixar uma mensagem para esta revista Pneuma, iniciando antes dos promotores a afirmação de fé que professamos no credo.

Seria muito agradável partilhar a experiência da primeira semana de Agosto de 2016, movido por um então trabalho de Universidade Católica, investigado na faculdade de Teologia do Porto.

Falar sobre o Renovamento Carismático "Pneumavita" é falar do Espírito de Deus que age nos nossos corações, nos recria e transforma, nos sacia e cura espiritualmente.

Sim, houve de facto o momento mais expressivo da efusão do Espírito que impele e inspira a evangelizar e a rezar com mais ardência. Aquele cheiro a rosas de que tantas santas falavam e se resumiam a dialogar com Deus sentindo a paz de Espírito foi sentido. Um redobrar forças na missão e ministério sacerdotal, afim de agregar-me a um grupo de oração, cantando e mimicando.

Sabendo que o alvo é o Espírito Santo deixo algumas dimensões e simbologia do Deus Uno e Trinitário. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, e destacando a vivência do Amor comunitário, pacífico, e inspirador da dimensão pneumatológica abordaria da seguinte forma esta exposição uma leitura temática que considero de particular importância no Escrito Sagrado dos Actos dos Apóstolos, que tão maravilhosamente expõe a acção do Espírito Santo no coração dos homens e os chama a acreditar. Lucas, o autor do livro, é considerado o evangelista do "Espírito", daí o interesse de analisarmos o contributo que nos oferece sobre a compreensão do Espírito Santo, visto a partir do Pentecostes.[2]

Quantas vezes e, de vários modos falou Deus ao seu Povo, pelos profetas, culminando em Jesus Cristo, através dos apóstolos, à imagem do testemunho dos primeiros cristãos e hoje por continuidade torna-se evidente esta presença deste Deus que se distribui ao todos os homens, para que todos pelo Espírito

sejamos chamados à fé e ao testemunho. O que se diz d´Ele, deste Deus que vive e está presente no coração de cada um? Como actua? Que quer de nós e ao que nos chama? Quais são as categorias e referências que o Livro dos Actos dos Apóstolos faz à Pessoa do Espírito Santo? O Acontecimento do Pentecostes terá transformado a atitude dos Apóstolos em relação ao anúncio de Cristo?
Para chegar à compreensão deste texto requere-se a fé, sem ela não compreenderemos estas propriedades do Espírito, aqui expressado através da simbologia.

Espírito Santo

O Prometido.
As profecias que estavam para se realizar tornam-se vivas no seio daqueles que crêem. Foi assim que tal como justificara Pedro se cumpriu o que estava escrito pelos profetas: *Derramarei o meu Espírito*.
Mais adiante, nos Actos, refere que o *Espírito* existe desde o AT, já *falara* por meio da boca de David (cf. Act. 1, 16).
Queremos dizer que o Espírito Santo já existia, existe desde sempre, já estava presente na obra da Criação – "Senhor que dá a vida". Ele é o Prometido para estar com o Povo, para o animar e santificar. As promessas são realizadas ao longo da História e a pedagogia de Deus é progressiva para que o homem compreenda e acompanhe Deus, no que o próprio Deus tem para ele, um plano da Santificação: o Homem vê a Deus no seu coração, é palpável, manifestado nas boas acções de cada dia.

A acção do Espírito Santo
É nesta perspectiva que o livro dos Actos dos Apóstolos começa. Logo de início, o autor refere que tendo já escrito sobre os ensinamentos e obras de Jesus Cristo destaca o modo como escolhera os apóstolos, "*sob a acção do Espírito Santo*" (Act. 1, 2). Esta acção é exigida na Igreja nascente, para acentuar o início da missão dos apóstolos, tal como acontecera com Jesus Cristo, sempre *impelido pela acção do Espírito Santo*. Para que os pagãos se convertessem ao cristianismo acentua-se o carácter baptismal, já anunciado por João Baptista e prometido por Jesus Cristo, ou seja, o anuncio de uma infusão do *Espírito Santo pelo fogo* (cf. Mt. 3, 11): trata-se como veremos do acontecimento pentecostal, que abrasa os discípulos de Jesus Cristo com uma força vinda do alto (cf. Lc. 24, 49). Na continuidade do quarto Evangelho, S. Lucas, deixa passar a mensagem que é o próprio Jesus, antes da ascensão, a delegar aos seus discípulos um testamento: e o testamento é o Espírito Santo realizado no Pentecostes (cf. Act. 2, 1-4). Deus deixa uma força, adiante falaremos, que age no coração de cada Homem, provoca-o e transforma-o para poder anunciar a Palavra de Deus. É o Espírito Santo que desce aqueles a quem é pregada a fé, tendo cada Homem, por consequência, deixar-se transformar ou não por esta acção.

A Força.
Jesus Cristo promete-lhes este acontecimento que dará sentido às suas vidas e plenificando a própria a missão e deixa *a força do Espírito Santo*, afim de serem suas testemunhas espalhadas por todo o mundo (cf. Act. 1, 8). É força que brota do coração da cada um que leva à necessidade radical do seu anuncio. Porque se vive uma experiência intensa e com capacidade transformadora que anima e encoraja sente-se a necessidade de levar esta notícia a toda a gente, e é ai que o Espírito Santo age como uma força que impele à acção de cada um na vida diária e concreta.

O Sopro.
Na Criação o homem recebe o sopro da vida (cf. Gn. 2, 7). Mas eis, o mais significativo e interessante deste livro ao relatar o acontecimento que sucedeu cinquenta dias depois da Páscoa, trata-se do Pentecostes como festa da renovação da Aliança caracteriza o novo *selo* que é deixado por Deus aos homens, em S. Paulo dir-se-ia, também, *o penhor da Aliança* (cf. Ef. 1, 14).
Quando todos estavam reunidos, dá-se um acontecimento invulgar, vindo céu um ruído, uma força superior e intemporal, comparado com um vendaval. Significa o vento, *sopro que é o Espírito Santo*. Que Deus intervém na História de forma surpreendente e imprevisível. Sente-se, mas não se vê! Conserva a vida, é o sentido da nossa respiração, a vitalidade que se enraíza na expiração e inspiração. Leva tudo o que é pó,

limpa-nos e purifica-nos, é a força e a acção que tudo destrói. Destrói o que está contaminado e cheio de imundícies. Exprime-se assim pela acção do Espírito Santo que se manifesta nos Homens.[3]

O Fogo.
Em forma de chamas de fogo Deus esculpe no coração dos homens o dom das línguas (cf. Act. 2, 3), essas que derramadas dão a cada homem a força e acção de agir em Seu nome. O simbolismo que a palavra *fogo* tem caracteriza o que realiza nos discípulos, uma energia essencial de força e comunhão. É uma manifestação do Sagrado viva e actuante. Ligado ao simbolismo da Pomba, aparece como união, uma ligação forte representada e visível no Amor de Deus. Não é só neste livro que vemos o Fogo como imagem do Espírito Santo. O Fogo, também reduz tudo a cinzas, desde silêncio com que vemos a chama a arder até à força com que devasta uma floresta. Arrasta tudo consigo, purifica e incentiva a começar de novo. O novo Povo da Aliança começa com o Pentecostes, é a nova aliança feita no fogo do Espírito Santo (cf. Ex. 19, 16-18). É a Lei do novo Povo de Deus, comunidade profética, que faz com que cada cristão se empenhe na construção de um mundo melhor.[4]

O Dom.
Refere, ainda, o texto que *todos ficaram cheios do Espírito Santo* e começaram a exercer o seu ministério, cada um o seu, conforme o Espírito Santo exprimia que falassem novas línguas porque se tratava do *Dom* que o próprio Deus consagra aos homens na diversidade de carismas (cf. Act. 2, 38). Este Espírito das línguas expressa a sabedoria de Deus concretamente espelhada na obra da Criação, na diversidade de raças e culturas, esta sabedoria é estendida a todo o Homem como uma oferta gratuita. O Espírito Santo é Aquele que nos faz recordar as coisas e nos dá a capacidade para ter um olhar de sabedoria. Provoca a nossa inteligência e faz-nos viver de modo diferente. Tal como se refere de Estevão homem cheio de graça e poder porque falava com sabedoria e com a força do Espírito (cf. Act. 6, 10) e também se dizia de outros discípulos que eram escolhidos segundo o Espírito e a sabedoria (cf. Act. 6, 3).

O Anjo.
Nos Actos dos Apóstolos, também , se apelida o Espírito Santo de Anjo que como mensageiro vem ao encontro dos homens e os aconselha, por exemplo, quando *o Anjo do Senhor* chama Cornélio (cf. Act. 10, 3) e responde-lhe que atendeu as suas preces. A iniciativa parte de Deus que procura o Homem e o provoca à resposta pela fé e, intercedendo pela oração, Deus pelo Espírito Santo atende os pedidos de cada um, pois o *Paráclito intercede junto do Pai com gemidos inefáveis*. Aqueles que abraçam a fé são lembrados por Deus, que atende as súplicas de cada um. A palavra Anjo exprime a Santidade do Espírito, como próprio Deus, santifica o Homem.[5]

O Guia.
O Espírito é também aquele que guia os que nele crêem e lhes indica o melhor caminho, tal como a Pedro, no próprio livro dos Actos refere, *disse-lhe o Espírito Santo* (Act. 10, 19; cf. Act. 15, 28), afim de Pedro receber com hospitalidade aqueles que o procuravam. Paulo e Timóteo, na travessia da Ásia Menor, são impedidos pelo Espírito que não permite o anuncio da Palavra. Também, ao tentarem entrar na Bítinia, o Espírito de Jesus não lhes permite (Act. 16, 6ss). O Espírito Santo adverte Paulo das contrariedades nas suas viagens (cf. Act. 20, 23). Ainda, se mostra que os Apóstolos nas suas viagens e missões são movidos pelo Espírito (cf. Act. 21, 4), é ele o Guia, se nos deixarmos guiar por ele nada nos acontecerá, e porque n´Ele confiamos nada tememos.
A intenção didáctica do Autor do livro é a conversão pelo Espírito Santo, abraçando a fé, para receberem o baptismo, tal como o etíope, eunuco, o recebe por meio de Filipe, este a pedido do *Anjo: o Espírito do Senhor* (cf. Act. 8, 26.29). Também Pedro noutro discurso, em casa de Cornélio, converte os pagãos que ouviram a Palavra e abraçando a fé não recusam o baptismo (cf. Act. 11, 44). Paulo, em Éfeso, questiona quem recebeu o Espírito Santo, no entanto era para eles desconhecido. Então, como só conheceram o baptismo de João, Paulo impôs-lhes as mãos e confirmou-os na fé e recebendo o Espírito Santo começaram a falar em línguas e a profetizar (cf. Act.19, 1-7).

Também, o resultado do discurso de Pedro foi positivo, pois como o Espírito age no coração dos homens deu-se a conversão de muitas pessoas (cf. Act. 2, 37ss.). Já no discurso de Estevão, homem replecto do Espírito Santo[6], refere que também há os que resistem ao Espírito Santo, os homens de dura cerviz, aqueles mesmo que marcados pela circuncisão permanecem incircuncisos no coração o nos ouvidos, ou seja, indiferentes e surdos (cf. Act. 7, 51).

O Consolador.

A Igreja começa a crescer nas várias comunidades que gozariam da edificação, repletas da *consolação* do Espírito Santo (cf. Act. 9, 31; 11, 19ss.). O resultado é visível pela alegria da fé, de cada homem e comunidade que se deixa transformar pela chama do amor, a força divina do Espírito Santo (cf. Act. 13, 52). Pelo mesmo Espírito as Igrejas são *confirmadas na fé e crescem em número, de dia para dia* (cf. Act. 16, 5).

O Espírito é aquele que cai, sobre os que crêem, abraçando a fé pedem o baptismo (cf. Act. 10, 44; 11, 15). É o próprio Deus conhecedor do coração dos homens que concede o Espírito Santo, tal como aos apóstolos o concedeu (cf. Act. 15, 8s), sendo assim o coração de cada um é purificado por Deus, pela fé em Deus todo o Homem é consolado.

E hoje...

Os transmissores da vontade de Deus pelo Espírito são os próprios Apóstolos, pois *pareceu bem ao Espírito Santo e a nós*, assim refere Lucas em Act. 15, 28. Exemplo, é Paulo o Apóstolo dos gentios, que se considera um prisioneiro pelo Espírito (cf. Act. 20, 22). Paulo a uns emissários adverte a atenção que os próprios têm de ter e em relação ao rebanho: *nele o Espírito Santo vos constituiu guardiães, para apascentardes a Igreja de Deus*... (Act. 20, 28). A presença da força ardente e gratuita, do sopro que guia e conduz, da acção dos mensageiros, guias e consoladores, continua hoje, aqui e agora, permanentemente visível na missão que cada baptizado tem. Porque esta acção e ditada pela alegria de dar: *há mais felicidade em dar que em receber* (Act. 20, 35), só assim vemos, sentiremos e presenciaremos a força que nos conduz e que outrora do mesmo modo conduziu os primeiros cristãos, tão visível nestes feitos e testemunho dos Apóstolos, ontem, ao longo dos tempos e hoje impõem as mãos àqueles que crêem (cf. Act. 6, 6; 8, 17ss.). A Igreja nasce, desde o dia do Pentecostes, o Prometido e deixado por Jesus Cristo, transmitido pelos Apóstolos. É depois da descida do Espírito que outrora os primeiros fiéis da Igreja começam a ser "*assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações*" (Act. 2, 42).

Hoje, como sempre, é o Espírito Santo que santifica a Igreja, é o Espírito da vida que vivifica os homens e a fonte da água que jorra para a vida eterna, é Aquele que habita na Igreja e no coração dos fiéis, ora e dá testemunho da adoção de filhos. Conduz a Igreja unificando-a, enriquecendo-a, guiando-a, enriquecendo-a, adornando-a,... Rejuvenesce-a e renova-a continuamente, levando-a à união perfeita com o seu Esposo (cf. LG 4).[7]

Para concluir, esta perspetiva de classificar o Espírito pelo modo como age e habita no coração do homem não sendo fácil compreendemos que, no entanto, é viva no coração e espírito de cada um. Outrora como hoje impelidos pelo Espírito Santo torna-se visível e realizável na História, história de cada um que pessoalmente abraça a fé e se sente chamado, guiado, santificado pelo Espírito Santo que é Dom gratuito, Força que impele, Fogo que arde no coração, Sopro que intervém para dar vida, Anjo que é Santo, anuncia e Guia, Sabedoria que inspira, Consolador que concede alegria... Este Espírito continua vivo no seio da Igreja intercedendo por nós e guiando cada Homem ao caminho da Salvação. É este Espírito que transforma cada um e arranca o anúncio da Boa-Nova a todo o Mundo.

Notas

A Bíblia de Jerusalém: Ed. rev. Paulinas, S. Paulo, 1986.

Bibliografia citada:
- Alves, Herculano – *Símbolos na Bíblia*: Difusora Bíblica, Fátima, 2001.
- Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In *Concílio Vaticano II, Documentos Conciliares e Pontifícios*: Ed. 11ª A. O., Braga, 1992.
- Leal, Juan (S J), in *La Sagrada Escritura, Texto y Comentario. Nuevo Testamento II*: Ed. BAC, Madrid, 1962.

Joaquim Mexia Alves

Catequese e RCC

***Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe: Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?» Jesus respondeu: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete (*Mt 18, 21-22).**

Sobre o perdão

Jesus fala-nos do perdão. Utiliza este modo de dizer — que não devemos perdoar sete vezes, mas sim setenta vezes sete — como forma de nos ensinar que o perdão não deve ter limite; que não se pode medir o número de vezes que se perdoa; que o perdão não se esgota nas poucas ou muitas vezes que perdoamos.

Lembremo-nos de que muitas vezes temos frases como esta: "Já te perdoei muitas vezes, agora chega!" Ou esta: "Já lhe perdoei tantas vezes, mas não aprende; por isso não vale a pena continuar a perdoar".

A verdade é que o Senhor nos diz que devemos perdoar sempre — o que não significa que não devamos, com amor, chamar a atenção de quem nos ofende.
E se Deus tivesse também um limite para as vezes que perdoa? Pobres de nós!

Mas há também algumas ideias erradas sobre o perdão, tais como quando dizemos: "perdoar, perdoo, mas não esqueço!"
É que este não esquecer traz colada a si uma atitude de querer lembrar a ofensa, com o intuito de afinal ter sempre algo contra aquele que nos ofendeu. E isso não é perdoar!
Deus deu-nos uma memória e nós não a podemos apagar, por vontade própria. Perdoar é poder lembrar a ofensa mas sem ela nos magoar; e muito especialmente podermos olhar para quem nos ofendeu, como um igual a nós, o qual podemos e devemos ajudar, se recorrer a nós.

Por isso mesmo, o perdão, o acto de perdoar, é uma acto da nossa vontade, parte de nós; mas deve ser iluminado por Deus, para podermos ultrapassar a nossas fraqueza humana.
Ora, para podermos ter a assistência do Espírito Santo no perdão, o que devemos fazer é rezar por aqueles que nos ofendem e pedir ao mesmo tempo a força e a atitude necessárias para podermos perdoar.

Obviamente, quando começamos a rezar por quem nos ofende é muito normal que nos pareça que não estamos a ser sinceros; ou seja, que efectivamente não desejamos o bem para quem nos ofendeu. É aí que entra a nossa vontade de persistir, confiando que Deus não nos faltará com o seu auxílio e

nos ajudará a ultrapassar as nossas dificuldades.
Tenho essa experiência na minha vida. […]

Mas não podemos falar do perdão sem nos colocarmos do outro lado, ou seja, do lado daqueles que ofendem, que magoam, que ferem os outros com palavras, com gestos, com atitudes. Porque, com certeza, também cada um de nós já ofendeu alguém, muito ou pouco, e precisou de sentir o perdão daqueles que ofendeu para ter paz na sua vida.

Podemos falar e meditar sobre os passos que temos de dar para perdoarmos aos outros; mas temos também que falar e meditar nos passos que temos que dar para pedirmos perdão aos outros. Porque, só quem é capaz de pedir perdão, é capaz de perdoar.

Alguém pode dizer que, na sua vida, nunca magoou ninguém?
Claro que não, porque, como pais, como filhos, como marido, como mulher, como amigos ou conhecidos, como patrões ou empregados, ou até com alguém que nem conhecemos bem mas de quem já dissemos mal (às vezes apenas porque repetimos o que alguém nos disse), por todos esses motivos já ofendemos alguém com certeza.

Precisamos por isso de saber vencer o nosso orgulho; precisamos de nos saber confrontar com o nosso erro, não arranjando desculpas para o que fizemos, e de pedirmos perdão a quem ofendemos.
E quando vivemos esta verdade — de que também nós ofendemos os outros e temos de pedir perdão —, também compreendemos melhor aqueles que nos ofenderam, e com mais facilidade podemos perdoar, como fomos perdoados.

Mas aqui, sobretudo quando ofendemos, temos que ver ainda uma outra dimensão do perdão, e que é o perdão a nós próprios.
Porque quando ofendemos alguém e nos apercebemos disso, ficamos envergonhados e recriminamo-nos, tendo muitas vezes dificuldades em percebermos como fomos capazes de fazer, de cometer essas ofensas.
Então temos de perceber que o amor de Deus é muito superior aos nossos pecados; e que, se Ele nos perdoa, também nós nos devemos perdoar, porque se assim não fizermos é como se estivéssemos a negar o perdão de Deus a nós próprios.

Há ainda outro tipo de ofensas que não nos são dirigidas directamente, mas que acabam por nos atingir e as quais também precisamos de perdoar.
Por exemplo, o chamado estado islâmico que tortura, decapita, mata, faz toda a espécie de mal aos cristãos. Isso afecta-nos enquanto cristãos e até como seres humanos. É normal que nasça dentro de nós uma aversão, sentimentos negativos, quase desejos de vingança contra essas pessoas. Chegamos a desumanizar essas pessoas no nosso pensamento, para que as possamos quase odiar.

Ora o ódio não se combate com o ódio. Se essas pessoas procedem assim por ódio, nós temos que proceder de modo diferente, ou seja, defendendo-nos, certamente, mas respondendo ao ódio com amor. Longe que estamos, podemos rezar intensamente pelas vitimas, mas também devemos rezar intensamente pelos agressores, porque só assim teremos paz nos nossos corações.

Quando penso e falo de perdão, vem-me sempre ao pensamento esta ideia: "Quando nós não perdoamos, quem é que sofre mais? É o ofendido ou o ofensor?"
Ora, de uma maneira geral, quem mais sofre é o ofendido; que, para além da ofensa, ainda pode deixar viver em si sentimentos de rancor e de ressentimento, os quais amarguram sempre a vida nos mais diversos momentos.

Muito mais ainda se somos pessoas de fé; porque, quando não perdoamos aos outros, rompemos com eles a nossa relação e deixamos de viver em harmonia de amor. E se rompemos com eles, rompemos de alguma forma com Deus, porque só se pode amar a Deus se amarmos o próximo, se amarmos o outro.

A cura

Por tudo o que vimos anteriormente, percebemos que, se não perdoamos, deixamos que vivam em nós sentimentos negativos, de rancor, de ressentimento, de vingança; sentimentos que vêm do maligno e portanto afastam do bem.
Este tipo de sentimentos, como o ciúme, por exemplo, são puro veneno para a nossa vida, para o nosso coração, transformando-o cada vez mais num centro de trevas, onde não entra a luz do amor. E nós fomos criados para amar!

Assim, se não vivemos essa condição de amar, imprescindível à vida, se nos deixamos levar por esses sentimentos negativos, a nossa vida torna-se triste, revoltada, insa-tisfeita; e quando assim vivemos, acabamos doentes, por causas, obviamente, psicossomáticas, ou seja, o espírito influencia o físico.

E é também assim se não pedimos perdão pelas ofensas que cometemos, porque, como vimos anteriormente, a nossa relação com alguém como nós foi cortada; e ao cortarmos essa relação, também de alguma forma cortamos a nossa relação com Deus, e então somos inundados de remorsos, de senti-mentos de culpa, de indignidade, que nos atormentam o dia-a-dia, e todo o nosso viver, levando mais uma vez o nosso físico a ser influenciado pelo nosso espírito inquieto e amargurado.

Por isso, o Sacramento da Confissão é também um sacramento de cura, porque uma confissão bem-feita liberta-nos de todos os sentimentos negativos que poderiam existir em nós e nos provocavam o mal estar de que falámos atrás.

Para concluir

Podemos então dizer que o perdão, o perdoar, é (com a ajuda de Deus) um acto da nossa vontade, que envolve sempre sentimentos positivos de amor, que irão contrabalançar toda a carga negativa que a ofensa produziu, levando-nos a olhar para o ofensor com compaixão, não desejando para ele nenhum mal, seja ele qual for.
Deixo esta frase de Alexandre Dumas (filho): "O perdão é o que há de maior, de divino no homem".

Sobre os milagres

Porque é que algumas pessoas alcançam milagres e outras não?

Existem 6 motivos - e o último é o mais importante

Em toda história do povo de Deus e da Igreja, existem relatos de verdadeiros milagres. Milagres são intervenções de Deus, sobre os quais podemos dizer que, por amor, Ele abre uma exceção para aquilo que supera a nossa natureza e compreensão. Milagre é uma prova de Deus, uma prática exclusiva de Seu amor onipotente, que faz parte de um plano maior. O Senhor não quer mimar seus filhos, mas os salvar; logo, todo milagre faz parte de Seu plano salvífico.
Ofereço aqui um pequeno "diagnóstico", em seis partes, para você entender por que o milagre de que você precisa ainda não chegou.

1. Não clamar por milagres

Parece meio óbvio, mas muitos não alcançam milagres, porque não os pedem, embora existam graças que conseguimos sem pedir. Um exemplo muito claro disso é o sol nascer todas as manhãs. "O Pai faz nascer o sol sobre os justos e injustos" (cf. Mt 5,45).
É preciso clamar por um milagre se você o quer. Muitas pessoas perdem seu tempo lamuriando, reclamando, mas se esquecem de que Deus pode tudo, em tudo e em todos. Pegue esse tempo que você está reclamando ou murmurando e faça dele uma oração Àquele para quem nada é impossível. Ofereça suas lágrimas em oração. Ele o ouvirá.

2. Não ter fé

"Em verdade vos digo: se tiverdes fé e não duvidardes, não só fareis o que fiz com a figueira, mas também, se disserdes a montanha: 'Arranca-te daí e joga-te no mar', acontecerá. Tudo o que na oração, pedirdes com fé, vós o recebeis" (Mt 21, 21-22)
Se já estamos clamando, mas não conseguimos alcançar o milagre, pode ser que nos esteja faltando fé. Em Hebreus, está

uma ótima definição: “A fé é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração de realidades que não se vê. Por ela os antigos receberam um bom testemunho de Deus” (Hb 11,1-2). O bom testemunho justamente é essa intervenção divina.
Clamar um milagre com fé é ter a certeza de que somente Deus é capaz de fazê-lo, pois se depender exclusivamente da mão humana, nada vai acontecer.

3. Não perseverar
Somos da geração fast food e da internet sem limites, onde, a todo momento, buscamos o ilimitado. Geração de alta tecnologia e muitas facilidades, onde somos acostumados ao agora, onde nada demora. No entanto, a lógica divina não mudou, nem tudo é espontâneo. Quantas pessoas foram curadas de doenças depois de anos a família se ajoelhar e clamar por um milagre? Para entendermos a lógica de Deus, aprendamos com Jesus: «Propôs-lhes Jesus uma parábola para mostrar que deviam orar sempre e nunca desanimar, dizendo: ‘Havia, em certa cidade, um juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens. Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha constantemente ter com ele, dizendo: Defende-me do meu adversário. Ele, por algum tempo, não a queria atender, mas depois disse consigo: Se bem que eu não tema a Deus nem respeite os homens; todavia como esta viúva me incomoda, julgarei a sua causa, para que ela não continue a molestar-me com as suas visitas. Ouvi, acrescentou o Senhor, o que disse este juiz injusto. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora seja demorado em defendê-los? Digo-vos que bem depressa lhes fará justiça. Contudo quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?» (Lc 18,1-8)
Quando queremos algo, de fato, não lutamos por isso? Assim é no mundo espiritual. Ao persistir na oração, vamos tomando consciência mais e mais de que Deus é o único capaz de realizá-lo, e acontece que nossa fé cresce.

4. Não saber como pedir
Se, mesmo com fé e perseverança, o milagre ainda não chegou, é porque você está fazendo do jeito errado. O milagre não vem a partir de uma fórmula ou de uma ordem, de um rito. O “como” é um jeito de pedir, e o pedir é saber que o milagre depende somente d’Ele, de todas as formas. É preciso saber reconhecer totalmente (mente, palavras e coração) que somente o Senhor pode nos dar o milagre.

5. Superar a provação antes de ocorrer o milagre
O sofrimento, a tribulação, a doença, qualquer adversidade que aconteça não é vontade de Deus, mas Ele o permite, como permitiu a Jó, para que possamos crescer com esses episódios da vida. A demora para o Senhor agir pode ser porque sejamos “topeiras” na escola da vida, não conseguimos aprender com esse episódio. Ele, como Pai, permite a adversidade, para que possamos crescer no sobrenatural.
Isso é muito concreto, por exemplo, na cura interior, quando muitos, após o perdão a uma pessoa, conseguem abertura para uma cura física ou conseguem ter fé o suficiente para interceder um impossível na sua família.

6. Não é vontade de Deus que esse milagre ocorra
Como é difícil reconhecer isso! Mas é uma verdade tremenda. Ele é Amor e quer o nosso bem. O que pensamos ser bom para nós pode não ser um bem real, e Deus sabe disso!“Meus pensamentos não são como os vossos pensamentos” (Is 55,8). Jesus, ao dizer isso, explica: “Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem” (Mt 7,11).
Logo, Ele não nos concede e não entendemos, o importante aqui é não sermos como crianças birrentas, mas que possamos reconhecer e amadurecer nossa entrega a Ele, e reconhecer que mais importante que os milagres do Senhor é o Senhor dos Milagres, que já fez o maior milagre que foi a nossa salvação por Sua Paixão e Ressurreição, e nos concede o precioso milagre da Eucaristia a cada Santa Missa.

(via Canção Nova)

Fonte:
http://pt.aleteia.org/2016/10/13/por-que-algumas-pessoas-alcancam-milagres-e-outras-nao/

Joaquim Mexia Alves

Testemunho da fé

Rendo-me, Senhor! Rendo-me!

Dentro de mim lutam as minhas vontades, as minhas certezas, os meus orgulhos, as minhas vaidades, e eu vejo-me a lutar contra elas!

Tenho que vencer, Senhor, ajuda-me, porque me quero render incondicionalmente a Ti!

Quero vencer, Senhor, não pela vitória, mas para me fundir em Ti, ou melhor, para que "já não seja eu a viver, mas Tu a viver em mim"!

É uma força, uma vontade, um poder muito maior do que eu que assim me faz lutar! És Tu, Senhor!

Não quero saber das lágrimas que afloram aos meus olhos, (são lágrimas de alegria por Te ter, de tristeza por Te ofender), não quero saber da voz que me diz que eu não sou digno, que eu não sou nada, que Tu estás longe de mim!

Não, Senhor, porque Te sinto aqui, junto de mim, com esse imenso sorriso de amor, essa imensa paz com que me envolves, com a alegria do pastor que coloca aos seus ombros a ovelha perdida.

Ah, Senhor, rendo-me! Rendo-me!

Eu sei que ainda há em mim muita coisa para atirar fora, muita coisa para mudar, para converter, para purificar, para libertar, mas que interessa isso se a minha vontade é render-me, incondicionalmente, a Ti, Senhor!

Salta-me o coração do peito, sinto-Te aqui, neste momento em que escrevo, e já não sou que escrevo, és Tu que escreves em mim.

Oh, Senhor, obrigado! Precisava tanto, tanto deste momento!

Acalma-se-me o coração, secam-se-me as lágrimas, uma paz imensa invade-me, olho-Te nos olhos e digo-Te:

Rendo-me, Senhor! Rendo-me!

Testemunho de fé na protecção de Maria

Prof. Felipe Aquino sofre grave acidente, mas é salvo por Maria

Para a glória da Santíssima Virgem Maria, relato aqui como Ela me salvou da morte, em um grave acidente na via-Dutra, no dia 17 de outubro de 1994. É um agradecimento à Mãe de Deus e nossa Mãe, e um testemunho de amor.

Tinha acabado de dar aulas na UNESP, em Guaratinguetá, SP, e seguia para a minha cidade vizinha, Lorena, o que faço há mais de 15 anos. Entrei na via-Dutra. Chovia forte. De repente, mil metros à frente, percebi que o trânsito estava parado por causa de um acidente na pista. Fui freando o carro até quase parar. Quando já estava quase parado, a uns 150 metros do final dos carros já parados, um caminhão pesado, com 20 toneladas de carga, chocou violentamente contra o meu carro, por trás. A batida foi tão forte, que o encosto da minha poltrona quebrou, e eu fiquei deitado, com a cabeça no acento do banco de trás do carro.

Nesta batida, o carro girou cento e oitenta graus na pista e ficou de frente para o caminhão desgovernado. Pude vê-lo à minha frente, chocando-se violentamente com o meu carro e arrastando-o pela pista fora, num barulho ensurdecedor e apavorante. Naquele momento, lúcido, em poucos segundos muitos pensamentos vieram à minha mente. Primeiro, pensei que fosse morrer esmagado. Senti-me como se estivesse dentro de uma lata que vai sendo amassada.

No mesmo instante comecei a clamar por Nossa Senhora. Lembro-me de que eu tive tempo de dizer umas três ou quatro vezes: 'Nossa Senhora Aparecida, protegei-me'. Disso eu tenho certeza. A cada batida eu repetia esse clamor à nossa Mãe Santíssima e, interessante, não sentia medo, percebi nitidamente que embora o carro fosse ficando cada vez mais amassado, eu, contudo, nada sofria. Tudo muito rápido. As mãos de Maria me amparavam e protegiam milagrosamente.

Eram exatamente 6:00 horas da tarde, e eu rezava o terço, como sempre faço quando estou nas estradas. Em que pese todo o tumulto do acidente, percebi que o terço continuava em minha mão quando tudo terminou. Com alguma dificuldade consegui sair do carro e, tão logo me vi fora dele, fui socorrido por um rapaz muito assustado. Este, quando me socorreu, disse-me: 'Moço, como é que você conseguiu sair vivo deste carro? 'Eu que ainda estava com o terço na mão, lhe disse: 'Com isto', mostrando-lhe o terço.

A estupefação daqueles que me viam ileso perto daquele carro totalmente destruído, era enorme. Não sei quantos me disseram: 'Você nasceu de novo'.'O seu aniversário agora é 17 de outubro'. O carro ficou tão danificado que a sua perda foi total. Quase nada se aproveitava. Para ser retirado da estrada precisou ser levantado por um guincho e colocado sobre um caminhão, pois não tinha a menor condição de rodar. No meu coração eu não cessava de agradecer a Deus e à Virgem Maria pela graça que acabara de receber. Sabia que tudo era para a glória de Deus, que nunca nos abandona, e que nos ensina que 'tudo concorre para o bem dos que amam a Deus' (Rm 8,28). Seja feita a Vossa vontade!

Sempre, graças a Deus, senti e experimentei a proteção e amor dessa Mãe, a quem Santa Isabel, cheia do Espírito Santo, chamou de 'Mãe do meu Senhor', e que o Anjo Gabriel declarou ser a única que 'achou graça diante do Senhor'; mas desta vez senti o seu amor como nunca. Foi para mim uma prova extraordinária do seu amor, para que jamais duvidasse de sua maternal proteção. Lembrei-me das palavras de São Bernardo, que do fundo da alma rezava:

'Lembrai-vos ó piedosíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que se recomendaram à Vossa proteção, imploram o Vosso socorro e invocaram o Vosso auxílio, fosse por Vós desamparado…'

No vidro da frente do carro, eu tinha colocado um adesivo de Nossa Senhora Rainha da Paz. Eu o tinha ganhado de um guarda da portaria da Faculdade. Um dia, saindo da escola, o 'Arnô', o guarda, me disse: 'Professor, a minha esposa ouve os seus programas na Rádio Canção Nova, e pediu-me para lhe entregar este adesivo de Nossa Senhora'. Imediatamente preguei o adesivo no vidro da frente do carro, e disse a Ela: 'Maria, segue na minha frente!'

Quando tudo terminou, o vidro dianteiro do carro, todo estilhaçado, estava jogado no asfalto frio da via-Dutra; mas ainda intacto, estava o rosto de Maria nos olhando. Meu filho mais velho, Mateus, foi quem me mostrou, com grande emoção, e ainda me disse: 'Essa é a maior prova do milagre!' No dia seguinte, quando peguei o 'Boletim de Ocorrência', na Delegacia de Guaratinguetá, nele estava registrado: 'Horário do Acidente: 18:00 horas'. A hora de Maria.

O meu carro havia sido totalmente destruído; e eu não tinha seguro dele. Mas nada disso me preocupou; graças a Deus eu estava vivo e sem nenhum ferimento. Contudo, quando fomos à Delegacia,

encontramos o motorista do caminhão que havia causado todo o acidente; e ele me informou que o seu caminhão tinha seguro, inclusive contra terceiros e que tentaria pagar pelo estrago do meu carro. Senti aí o dedo de Deus e a mão materna de Maria querendo me devolver um carro novo.

Como fiquei sem carro, e precisava dele para meus trabalhos, comprei outro carro por nove mil e quinhentos reais. Depois de dois meses, fui informado pela Seguradora, que eu receberia, pelo prejuízo do meu carro, a quantia de dez mil reais. Eu não lhes informei o quanto tinha pago pelo carro novo. Não tenho dúvidas, Nossa Senhora, não só guardou-me no acidente, como deu-me um carro 'zerinho', mais novo do que o que acabou-se no acidente. Como é bom ser filho e servo desta boa Mãe e Rainha. Somente aqueles que estão debaixo de sua materna proteção é que sabem o quanto Ela é maravilhosa.

Um fato que me chamou a atenção, foi que poucos dias antes do acidente, eu tinha terminado de escrever um livro sobre Nossa Senhora: A Mulher do Apocalipse (Ed. Loyola,1994), para a honra e glória de nossa Mãe.

Este livro estava no meu coração, e eu o havia escrito com grande amor e devoção à Virgem Maria. Ia colocar-lhe o nome de 'A coroa de glórias da Virgem Maria', mas o Pe. Jonas Abib sugeriu que fosse 'A Mulher do Apocalipse', o que aceitei de bom grado. O acidente fez-me lembrar daquele fato que se passou com o Santo Cura d'Ars, São João Maria Vianney, que estava confessando os seus fiéis, quando chegou o sacristão para avisar-lhe que, sem qualquer razão, o seu quarto estava pegando fogo. Muito calmamente, o santo disse ao sacristão: 'Não se incomode, é o demónio, não podendo pegar o pássaro, está queimando a sua gaiola'.

(Do livro: "Entrai pela porta estreita", Prof. Felipe Aquino)

Fonte:
http://pt.aleteia.org/2016/10/17/prof-felipe-aquino-sofre-grave-acidente-mas-e-salvo-por-maria/

Pe. Anselmo Borges

Últimas Conversas.
Testamento de Bento XVI

Falei com ele uma vez, era ainda o cardeal Josef Ratzinger. A impressão que me ficou foi a de alguém muito afável, tímido e com um objectivo fundamental: conciliar a fé e a razão. Ao ler agora Letzte Gespräche (Últimas Conversas), e são mesmo as últimas, pois não pensa publicar mais nada e quer destruir notas dispersas, confirmei essa primeira impressão. Estas conversas do Papa emérito com Peter Seewald constituem uma espécie de balanço de uma vida e de um pontificado, sendo esta a primeira vez que um papa o faz. Impressiona a sua dignidade na humildade, reconhecendo os seus limites e fragilidades, procurando ser fiel à verdade, inevitavelmente na perspectiva dele, e sabendo que a última palavra pertence a Deus, de quem espera um juízo misericordioso e para o qual se prepara com serena confiança. Diz: "Crer não é senão, na noite do mundo, tocar a mão de Deus e assim - no silêncio - ouvir a Palavra, ver o Amor." Qual é "o verdadeiro problema deste nosso momento da história? Deus desaparece do horizonte dos homens e, com a extinção da luz que vem de Deus", a humanidade é apanhada pela falta de orientação, "cujos efeitos se manifestam cada vez mais".

Nasceu de uma família modesta, profundamente enraizada na fé da Igreja Católica. O pai era polícia, mas crítico e capaz de pensar pela sua própria cabeça, a mãe era muito cordial. Teve uma infância feliz, com muito afecto. "Para nós era claro que uma pessoa religiosa devia ser antinazi." Foi um miúdo vivaço e algo irrequieto e até "rebelde". O nazismo e a guerra complicaram tudo. Com o tempo, tornou-se "mais reflexivo e menos alegre". Manifestou desde sempre interesse pelas questões religiosas.

Aos 17 anos foi chamado para o serviço militar do Reich. Foi desertor e prisioneiro dos americanos. Essa experiência tê-lo-á marcado definitivamente. De facto, quando já Papa, visitou Auschwitz e fez um discurso deveras dramático e emocionante. "Tomar a palavra neste lugar de horror, de crimes contra Deus e contra o ser humano sem precedentes na história, é quase impossível, e é particularmente difícil e deprimente para um cristão, para um Papa que procede da Alemanha. Num lugar como este faltam as palavras; no fundo, só há espaço para um atónito silêncio, um silêncio que é um grito interior para Deus: porque te calaste? Porque quiseste tolerar tudo isto? Onde estava Deus nesses dias? Porque é que se calou? Não podemos perscrutar o segredo e o mistério de Deus, só fragmentos, e enganamo-nos quando queremos converter-nos em juízes de Deus e da história. O nosso grito dirigido a Deus tem de ser ao mesmo tempo um grito que penetra no nosso próprio coração para que desperte em nós a presença oculta de Deus, para que o poder que depositou nos nossos corações não fique coberto ou sufocado em nós pelo egoísmo, pelo medo dos homens, pela indiferença e pelo oportunismo." É necessário elevar esse grito até Deus particularmente no momento actual, "no qual parecem surgir novamente nos corações dos homens todas as forças obscuras: por um lado, o abuso do nome de Deus para justificar uma violência cega contra pessoas inocentes e, por outro, o cinismo que não reconhece Deus e que ridiculariza a fé nele. Gritamos a Deus para que leve os homens a arrepender-se e a reconhecer que a violência não cria paz, mas suscita mais violência, um círculo de destruição no qual, no final de contas, todos perdem".

Foi sempre excelente nos estudos e fez uma carreira académica brilhante, sendo reconhecido como um dos mais lúcidos intelectuais contemporâneos. Agostiniano na sua orientação teológica - Deus é "o Deus da fé, que toca o coração do homem, que me conhece e me ama, mas, de algum modo, Deus deve ser também acessível à razão" -, conservador, também quis, concretamente a seguir à guerra, renovar a Igreja: "Éramos progressistas. Queríamos renovar a teologia e com ela a Igreja, tornando-a mais viva. Queríamos que a Igreja progredisse e estávamos convencidos de que deste modo seria rejuvenescida." Não ousaria alguma vez apresentar-se como "reverendo". Nós, sacerdotes, "não somos patrões, mas servos". Em 1958, era capelão, escreveu um texto intitulado: "Os novos pagãos e a Igreja", em relação ao qual se chegou a dizer que "continha afirmações heréticas". Ajudou financeiramente estudantes. Foi "fã" de João XXIII. "Tínhamos uma certa reserva interior face à teologia de Roma." Participou com entusiasmo na renovação da Igreja com o Concílio Vaticano II, assessorando concretamente o cardeal Josef Frings, de Colónia, e dando contributos decisivos para o documento sobre a Revelação. Partidário de mais "colegialidade" no governo da Igreja, assinou um texto de Karl Rahner - é certo que "mais por amizade" -, para debater e até abolir a lei do celibato. Pôs reservas à encíclica Humanae Vitae: "O que dizia era válido na substância", mas "eu procurava uma aproximação antropológica mais ampla".

Como se deu a viragem? Temeu a fragmentação da Igreja, pois havia interpretações indevidas do Concílio, a liturgia parecia à deriva, as pessoas já não tinham uma orientação clara para a fé, estava a impor-se "a ditadura do relativismo". O Concílio terminou em 1965 e já em 1967, numa aula em Tubinga, chamou a atenção para que a fé cristã estava agora, "como nunca antes na história", circundada "pela névoa da incerteza". Por isso, eu penso que a zona mais negra ou, pelo menos, mais problemática da sua vida, que foi a da condenação de tantos teólogos durante o tempo da sua presidência da Congregação para a Doutrina da Fé, tem neste temor a sua explicação: "Vi que a teologia já não era a interpretação da fé da Igreja Católica." Exemplo típico de desvio teológico, segundo Ratzinger: Hans Küng, de quem foi amigo e colega e com quem não é meigo na crítica, embora "nunca tenha aconselhado tomar medidas contra ele".

Fonte: http://o-povo.blogspot.pt/2016/11/ultimas-conversas-testamento-de-bento_21.html

Padre Jerónimo Rocha Monteiro

Centenário das Aparições

Catequeses para a preparação do Centenário das Aparições pelo Padre Jerónimo Rocha Monteiro, (salesiano)

Nª Sª de Fátima

1ª Catequese

Quereis oferecer-vos a Deus?

Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra
(Lc 1,38)

1. **Apresentação: Na escola de Maria**
Neste Ano Jubilar da Misericórdia o pedido que Nossa Senhora faz aos pastorinhos ajuda-nos a compreender a nossa participação no mistério de Deus amor, misericórdia, perdão. Diante da interpelação de Nossa Senhora surge em nós a pergunta: e eu que tenho a fazer? Na realidade, Deus não precisa de grandes profetas, mas de almas simples que queiram aceitar o desafio de Deus, da necessidade de Deus, da partilha de Deus com cada um de nós, colaboradores no mistério da redenção de Jesus: "Completo em mim o que falta à paixão de Cristo". (Col. I,24) Nossa Senhora pede-nos para levar a respiração do céu ao interior das coisas de cada dia, ao interior de nós e dos outros. Assim se renova a vida, se purifica a vida, se testemunha a fé em que acreditamos.

Quereis oferecer-vos a Deus?
A oferta implica o amor. Ninguém pode dar se não sabe amar. Só se dá o que se é. Eis o que significa o pedido de Nossa Senhora: "quero-te a ti e não o que tens". "Mais cedo ou mais tarde, o ter, o prazer e o poder manifestam-se incapazes de realizar as aspirações mais profundas do coração do homem ("Verbum dei", 10). Esta é a lógica do Evangelho de Jesus. Esta é a escola de Maria.
As nossas Catequeses ADMAs, iniciadas na preparação para o Bicentenário do nascimento de S. João Bosco, unem-se, agora, ao santuário de Fátima na preparação do centenário das Aparições, a 13 de Maio de 2017.

2. **Meditação: Pedido de Nossa Senhora**
Brincavam os três pastorinhos na Cova da Iria, (…) quando por volta do meio-dia e depois de rezarem o terço, observaram dois clarões como se fossem relâmpagos. Com receio que começasse a chover, reuniram o rebanho e decidiram ir-se embora, mas no caminho e logo abaixo, outro clarão teria iluminado o espaço. Nesse instante, teriam visto em cima de uma pequena azinheira "era uma Senhora vestida de branco e mais brilhante que o Sol, espargindo luz mais clara

e intensa que um copo de cristal cheio de água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardente".
(…) As mãos juntas, como a rezar, apoiadas no peito e voltadas para cima. Da mão direita pendia um rosário. As vestes pareciam feitas só de luz. Segue-se um colóquio em que Nossa Senhora fala aos pastorinhos e termina com o convite a uma missão feita pela Mãe do Céu à Lúcia, Francisco e Jacinta.
Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?
— Sim, queremos.
— Ides pois ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.
Então, por um impulso íntimo, caímos de joelhos e repetimos intimamente ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro, meu Deus, meu Deus eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.
Passados estes momentos, Nossa Senhora acrescentou: "Rezem o Terço todos os dias para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra".

3. **Mensagem de Nossa Senhora**

Oferecer-se a Deus
3.1 A entrega de si um dom de amor.
Quando estudamos o mistério da Santíssima Trindade a primeira coisa que aprendemos é que Deus é Uno e Trino, um dom de amor para o homem, sua criatura. Por outro lado, toda a vida de Maria foi de entrega a Deus e à salvação dos homens, entregues por seu filho Jesus no alto do Calvário: "Eis aí tua Mãe" Jo 19,27. Em Fátima Nossa Senhora põe em ação o pedido que seu Filho lhe tinha feito, na pessoa dos três pastorinhos. Serão estes que irão convocar os filhos dispersos através de orações e sacrifícios.
Diz Xavier Pikaza: "Deus é um processo de generosidade ou geração que brota do Pai; Deus é acolhimento ou filiação, que descobrimos no filho; finalmente, Deus é unidade e comunhão no Espírito Santo. Os membros da família de Deus são pessoas no mais profundo sentido do termo". Nascemos de Deus. Voltamos para Deus.

"Amo-Te, Pai, a quem não conheço. Abraço-me a Ti, a quem não vejo. Abandono-me a Ti, a quem desgostei. Amas em mim o teu Filho unigénito. Tu O vês em mim. Tu O abraças em mim, porque Ele quis identificar-Se totalmente comigo nesse amor que O levou a morrer por mim na Cruz". (Thomas Merton)

3.2 Textos bíblicos
"Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna? (Mc 10,17ss) Deus cuida da obra-prima da criação: "No sexto dia, Deus vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa". (Gn 1,31) "Que é o homem para vos lembrardes dele, o Filho do homem para dele vos ocupardes? (Sl 8,5)

3.3 Sentido da vida do homem
Se uma só palavra pudesse expressar o sentido da vida, essa palavra seria "amor". O amor, dizem os poetas e os sábios de todos os tempos, é o sentido e o princípio fundamental da vida, o autêntico mistério. Alguém disse que só quem percebe a infinidade desse amor penetra na essência da fé. Joseph Ratzinger

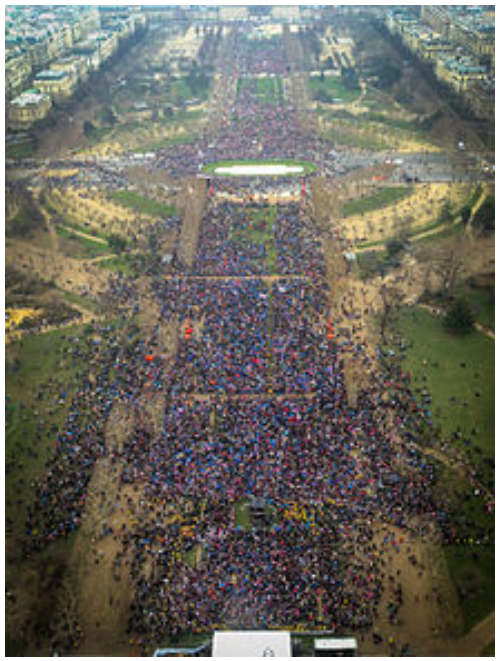
3.4 Testemunhos
Santa Faustina "A minha oferta consiste nisto: que recebo, com total submissão a vontade de Deus, todos os sofrimentos, temores e medos que atormentam os pecadores e em troca cedo-lhes todas as consolações que tenho na alma, que vêm da relação íntima com Deus". *Santa Faustina e a Divina Misericórdia*

Beata Alexandrina da Costa "A dor é filha do amor. Quem ama a Jesus sofre por Ele, não Lhe nega nenhum sacrifício. Oh! Como é bela e encantadora a esposa de Jesus". *Humberto Pasquale, Beata Alexandrina*

4. Compromisso
Seguir o pedido que fez Nossa Senhora rezando o Santo Terço todos os dias.

“Manif pour tous”

Movimento francês a favor da família e contra a ideologia do género



É terrível” - diz o Papa Francisco: “Está-se a dizer às crianças que podem escolher o seu género”

O Papa Francisco criticou duramente a chamada “ideologia do género”, numa conversa com bispos polacos que teve lugar no passado dia 30 de Julho, antes de deixar a Polónia onde esteve para participar na Jornada Mundial da Juventude, mas cuja transcrição foi divulgada pelo Vaticano apenas esta semana (03-08-2016). Francisco classificou esta ideologia, a qual defende que as identidades masculinas ou femininas são independentes de factores biológicos, pelo que se um homem decide que é uma mulher, e vice-versa, deve ser tratado como tal. O Papa classifica esta ideologia como um caso de “colonização ideológica”, imposta a alguns países por organizações e países mais ricos, embora não tenha especificado quais.

“Hoje, nas escolas, estão a ensinar isto a crianças, – a crianças! – que cada um pode escolher o seu género”. “É terrível”, acrescentou o Papa, dizendo ainda que “estamos a viver um tempo de aniquilação do homem enquanto imagem de Deus”.

O Papa disse aos bispos polacos que tinha conversado sobre este assunto com o seu antecessor, Bento XVI – “que está bem, e que tem a mente clara” – e que o Papa emérito tinha classificado os tempos actuais como “uma época de pecado contra Deus criador”. “Ele é inteligente! Deus criou o homem e a mulher, criou o mundo desta forma, e nós estamos a fazer o contrário”, concluiu Francisco.

Desde que foi eleito, o Papa tem criticado várias vezes a ideologia do género e não é a primeira vez que a classifica como um exemplo de “colonização ideológica”.

Convento de freiras carmelitas, em Alepo, atingido por um foguetão que não explode

Segundo a fundação da Igreja Católica, "Ajuda à Igreja que Sofre (AIS), um “rocket” foi lançado das zonas controladas pelas forças rebeldes que se opõem ao regime de Bashar al-Assad; e caiu nos terrenos do Convento das Carmelitas, como mostra uma foto que foi enviada à fundação pelo padre Fadi Naijar, que está no local. Apesar do susto, não houve vítimas, mas nas imediações há registo de pelo menos três mortos e dezenas de feridos. Esta não foi a primeira vez que o convento das Carmelitas esteve na mira das armas, na guerra que está a destruir por completo grande parte da cidade de Alepo. Já em Agosto, uma das seis religiosas que ali vivem falava nos “bombardeamentos e disparos” que sentiam cada vez mais próximos.

Saiu em Espanha um livro que caricatura o endoutrinamento escolar das crianças e jovens acerca da ideologia do género

Vida para além da morte?

No ventre de uma mulher grávida estavam dois bebés. O primeiro pergunta ao outro: Tu acreditas na vida após o nascimento?

Claro que acredito, diz o outro. Alguma coisa tem de haver após o nascimento. Talvez estejamos aqui principalmente porque precisamos de nos preparar para o que seremos mais tarde.

– Tolice, não há vida após o nascimento. Como seria verdadeiramente essa vida?

– Eu não sei exactamente, mas haverá certamente mais luz do que aqui. Talvez caminhemos com nossos próprios pés e comamos com a nossa boca.

– Isso é absurdo! Caminhar é impossível. E comer com a boca é ridículo! O cordão umbilical é que nos alimenta. Eu só digo uma coisa: a vida após o nascimento está excluída. O cordão umbilical é muito curto.

– Na verdade, com certeza que há algo mais. Talvez seja diferente do que estamos habituados a ter aqui.

– Mas não vês que nunca ninguém voltou de lá, depois do nascimento? No parto apenas termina a vida. E afinal de contas, a vida não é nada mais do que a uma angústia prolongada nesta escuridão.

– Bem, eu não sei exactamente como será depois do nascimento, mas com certeza veremos a nossa Mãe e ela cuidará de nós.

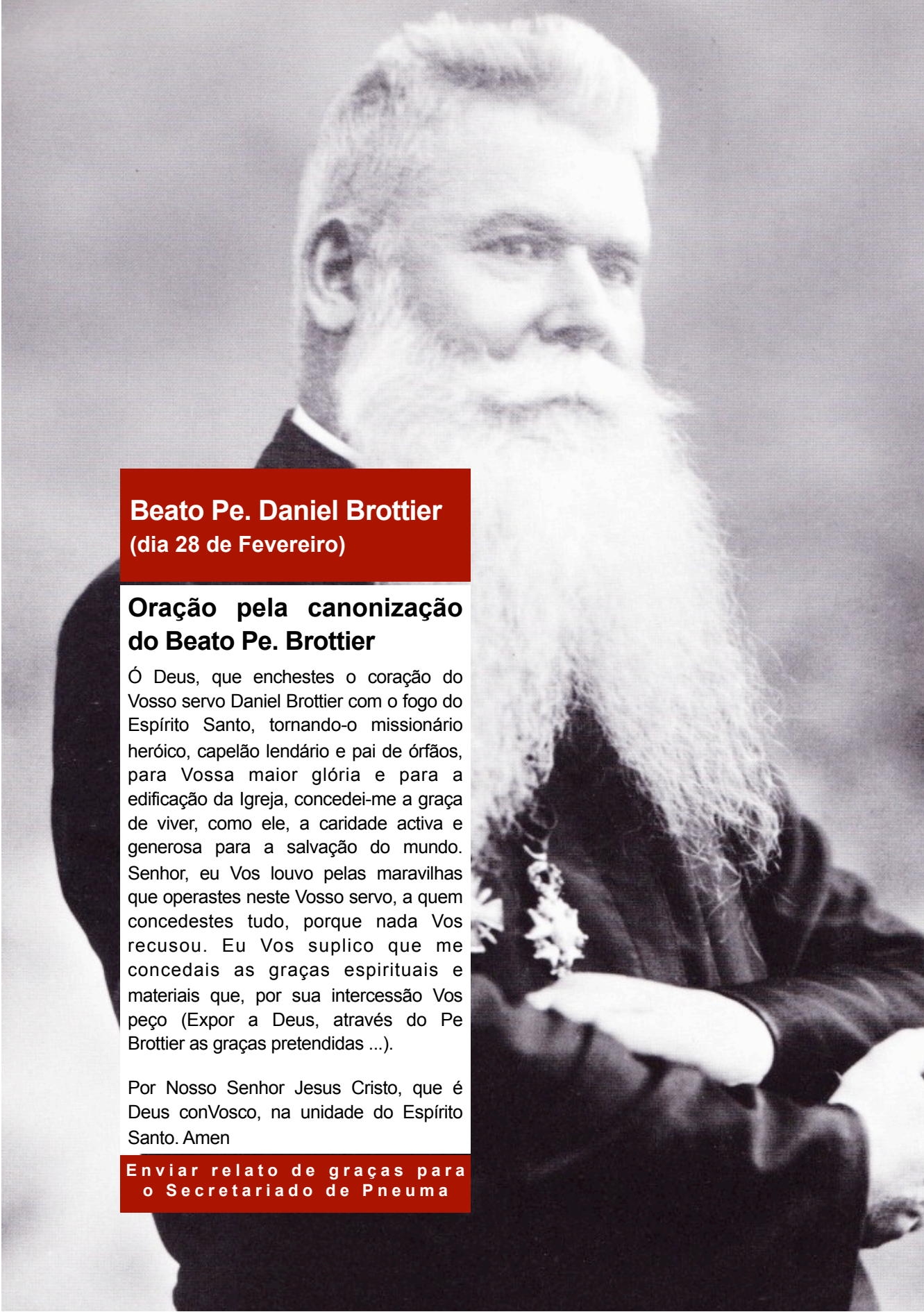
– Mãe? Tu acreditas na Mãe? E onde é que ela está?

– Onde? Em tudo à nossa volta! Nela, e através dela, nós vivemos. Sem ela, tudo isto aqui não existiria.

– Eu não acredito! Eu nunca vi nenhuma Mãe, por isso é claro que não existe nenhuma Mãe.

– Bem, mas às vezes quando estamos em silêncio, tu podes ouvi-la cantando; e podes sentir como ela envolve o nosso mundo.
Sabes, eu penso que a vida real é aquela que nos espera; agora apenas estamos a preparar-nos para ela.

(Autor desconhecido)



Beato Pe. Daniel Brottier
(dia 28 de Fevereiro)

Oração pela canonização do Beato Pe. Brottier

Ó Deus, que enchestes o coração do Vosso servo Daniel Brottier com o fogo do Espírito Santo, tornando-o missionário heróico, capelão lendário e pai de órfãos, para Vossa maior glória e para a edificação da Igreja, concedei-me a graça de viver, como ele, a caridade activa e generosa para a salvação do mundo. Senhor, eu Vos louvo pelas maravilhas que operastes neste Vosso servo, a quem concedestes tudo, porque nada Vos recusou. Eu Vos suplico que me concedais as graças espirituais e materiais que, por sua intercessão Vos peço (Expor a Deus, através do Pe Brottier as graças pretendidas ...).

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus conVosco, na unidade do Espírito Santo. Amen

Enviar relato de graças para o Secretariado de Pneuma

«É terrível!

Está-se a dizer às crianças que podem escolher o seu género»

(Papa Francisco)